

Dr. Dave Mathewson, Literatura do Novo Testamento, Aula 11, João e as Parábolas

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Dave Mathewson apresentando História e Literatura do Novo Testamento, Aula 11, sobre João e as Parábolas.

Tudo bem, vamos começar com uma oração e então o que espero fazer é terminar a nossa discussão sobre os Evangelhos individuais. Veremos John muito rapidamente.

Mais uma vez, tudo o que espero fazer é apenas destacar algumas das coisas que são distintas sobre ele em comparação com os Evangelhos sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas. E então quero falar um pouco sobre uma das formas distintas do ensino de Jesus: as parábolas. Quero apenas discutir um pouco sobre como lemos e interpretamos a literatura parabólica.

Como entendemos e lemos as parábolas de Jesus? Que gênero literário ou tipo literário eram eles? E como isso afeta a maneira como os lemos? E novamente, na sexta-feira, esperamos que na sexta-feira, terminaremos de juntar todos os Evangelhos. O que aprendemos sobre Jesus? O que os Evangelhos enfatizam sobre quem é Jesus e como devemos responder a ele e reagir à pessoa de Jesus Cristo? Então, vamos começar com oração e depois veremos o Evangelho de João, o quarto Evangelho.

Pai, pedimos discernimento e sabedoria ao ponderarmos breve e rapidamente partes do Novo Testamento. Senhor, oro para que estejamos melhor equipados para relê-lo com uma compreensão mais profunda. Estaremos mais bem equipados para responder ao seu filho Jesus Cristo em obediência à maneira como as Escrituras chamam de nós os seus leitores. Em nome de Jesus, oramos, amém.

Muito bem, o quarto Evangelho, também conhecido como Evangelho do Discípulo Amado. E, novamente, tenho certeza de que ele era exatamente assim, mas não, alguns de vocês podem reconhecer isso como um ícone do suposto autor do quarto Evangelho. Agora, a primeira pergunta, falaremos dessa frase, o autor ou o discípulo, o discípulo amado, o discípulo que Jesus amou daqui a pouco.

Mas o ponto de partida é observar, e voltaremos mais tarde e perguntaremos por que isso acontece, mas antes de tudo, observar as diferenças distintas, embora não devam ser exageradas, exageradas demais e exageradas. -estimado, mas não se pode deixar de notar as diferenças distintas entre João, o quarto Evangelho, e os três primeiros, os chamados Evangelhos sinópticos, porque devem ser vistos juntos, eles têm uma relação literária. Mas John parece ser muito diferente. Na verdade, ele era

tão diferente que os primeiros cristãos frequentemente se referiam ao Evangelho de João como o Evangelho mais espiritual ou o mais teológico dos quatro Evangelhos.

E você pode ver que há uma sensação de que isso pode ser verdade. Eu não gostaria de dizer que Mateus, Marcos e Lucas não são teológicos, mas quando você os lê, é, você sabe, Mateus, Marcos e Lucas, é quase como se você sentisse que está mais fundamentado em história. Quando você chega a João, parece que há mais mistério em torno do que está acontecendo, e não é tão simples quanto o que você encontra em Mateus, Marcos e Lucas.

Novamente, isso não significa que Mateus, Marcos e Lucas não sejam teológicos. São, mas você tem a nítida sensação de que está lendo algo muito diferente quando lê John. Uma coisa que você nota, por exemplo, embora haja alguma sobreposição, na maior parte, a maior parte do material que você encontra em João não ocorre em Mateus, Marcos e Lucas.

Além disso, o vocabulário também é muito diferente. Mas quando João faz Jesus falar, falar ou pregar, ele o faz falar de uma forma que você não encontra nos Evangelhos Sinópticos. Então, perguntaremos, talvez pelo menos exploremos brevemente, por que João pode ser tão diferente dos outros três Evangelhos? Quem foi o autor? Novamente, como os outros três Evangelhos, o quarto Evangelho é estritamente anônimo.

Isto é, em nenhum lugar dos Evangelhos o autor nos diz quem ele é. A única dica que você obtém é esta referência ao discípulo que Jesus amava ou ao discípulo amado, ou discípulo amado, daí o meu título, O Evangelho do Discípulo Amado. Novamente, tudo o que quero dizer é que, no quarto Evangelho, tem havido muito mais debate sobre quem realmente o escreveu.

Novamente, a tradição atribuiu o nome de João ao quarto Evangelho, embora o problema seja que alguns dos primeiros pais da igreja que escreveram sobre a autoria de João, a autoria do quarto Evangelho, mencionaram que parece haver uma referência a mais de um João. Então, não podemos ter certeza. Parece haver um João, o Velho.

Há uma referência, claramente João Apóstolo. E assim, há um pouco de debate sobre quem exatamente escreveu João, embora tradicionalmente tenha havido boas razões para considerar João, o Apóstolo de Jesus, já que essa tem sido a visão tradicional da autoria do quarto Evangelho, daí o Evangelho segundo para John em nossas traduções modernas para o inglês. Mas, novamente, esse título, de acordo com João, teria sido anexado muito cedo aos Evangelhos, mas originalmente o autor não escreveu isso na primeira página do seu Evangelho.

Mas a história da igreja desde muito cedo atribuiu este Evangelho a João, e comumente foi atribuído a João, Jesus Apóstolo, sobre quem lemos nos Evangelhos. Agora, qual é o propósito de escrever este livro? Ao contrário dos outros Evangelhos, João realmente aparece e nos diz, bem no final do seu Evangelho, no capítulo 20 e nos versículos 30 e 31, que João vem direto e conta por que ele escreveu. Embora até isso seja um pouco amplo, pode haver propósitos mais específicos ou maneiras específicas pelas quais ele realiza seu propósito.

Mas começando, este é o capítulo 20, versículo 30, bem no final do seu Evangelho, diz o autor, agora Jesus fez muitos outros sinais na presença de seus discípulos que não estão escritos neste livro. Novamente, isso mostra claramente como os escritores dos Evangelhos escreveram. Eles tiveram acesso a muita informação sobre o que Jesus disse e fez, mas não incluíram tudo, e João nos diz isso.

Ele disse que houve muitos outros sinais que Jesus fez que não incluí neste livro. Por que? Bem, talvez ele tenha ficado sem espaço, mas talvez esteja sendo seletivo. Ele está selecionando aquelas coisas que comunicam o que ele quer dizer sobre Jesus.

E então ele continua e diz, mas estas coisas, as coisas que estão escritas, estas coisas estão escritas para que vocês possam acreditar que Jesus é o Messias, o Filho de Deus e que através da crença vocês possam ter vida em seu nome. Então, João nos conta que todas essas histórias foram incluídas para convencer os leitores de que Jesus é de fato o Messias e, ao acreditarem nele, que terão a vida eterna. Eles terão vida crendo no nome de Jesus.

E, de fato, a palavra vida eterna é muito comum, como veremos daqui a pouco em João. Então, eu resumiria, talvez o propósito dos escritos de João seja que ele queira não apenas gerar fé, mas fortalecer a fé em seus leitores para levá-los a convencê-los de que Jesus é de fato o Messias que ele disse ser e, portanto, fortaleçam sua fé nele para que possam herdar a vida eterna que Jesus ofereceu ao seu povo. É possível também que possa haver um propósito evangelístico em João, que ele possa ter fornecido material para seus cristãos em seus esforços apologéticos e talvez evangelísticos com judeus e judeus não-cristãos.

Isso também é possível. Uma das ênfases em João é o fato de que Jesus triunfou, ele venceu. Lembre-se de versículos como Eu venci o mundo, o que novamente sugere que talvez João tenha sido escrito para fortalecer, para fazer com que os leitores se apeguem à sua fé em Jesus Cristo para que herdem a vida eterna que Jesus promete.

Agora, o que quero fazer, novamente, é passar rapidamente por João e dar a vocês uma amostra de como ele é distinto e diferente de Mateus, Marcos e Lucas. Em primeiro lugar, o primeiro ponto de partida é João capítulo 1 e os primeiros 18 versículos. Os primeiros 18 versos, em certo sentido, fornecem um prólogo.

Na verdade, eles podem até ter sido escritos depois que o restante do evangelho foi compilado. O autor usa isso para fornecer uma introdução de como ele deseja que você leia o restante de seu evangelho. Então, João 1 e os primeiros 18 versículos, esse tipo de prólogo, começa com uma introdução disso, a palavra começa, no começo, o que curiosamente, essa fraseologia lembra Gênesis capítulo 1. No princípio, Deus criou os céus e o terra.

Agora você sabe, no princípio era a Palavra, e a palavra se refere claramente a Jesus Cristo. E falaremos sobre essa linguagem da palavra, mas continua e diz, no princípio era a palavra, e a palavra estava com Deus, e a palavra era Deus. Fala sobre como a palavra foi rejeitada em grande parte, mas esta palavra, a Palavra também se torna carne.

Torna-se um ser humano no capítulo 1 versículo 14, a versão de João da história do Natal. Este Verbo que estava com Deus e era Deus agora se torna carne e habita entre o seu povo. Então essa é uma espécie de introdução ao evangelho de João.

Agora, o que é importante neste prólogo é isto. Em primeiro lugar, Jesus é chamado ou rotulado pela palavra, e falaremos mais sobre isso, mas a ideia por trás da palavra ou do logos é que a ênfase principal está em Jesus como aquele que revela Deus. Então, a Palavra ou logos sugere, de fato, que foi uma palavra que, como veremos, provavelmente veio do Antigo Testamento.

A Palavra logos ou Palavra referia-se à fala de Deus ou ao falar de Deus, mas havia outras associações possíveis, mas a palavra refere-se claramente a Jesus Cristo, e João identifica claramente esta palavra com o próprio Deus. João, como veremos mais tarde, dentre os quatro evangelhos, João identifica Jesus Cristo, a Palavra, com o próprio Deus, e ele faz isso logo no início. Então, Jesus é a palavra, a fala, o discurso de Deus, e esta Palavra é identificada com Deus no versículo 14 e se torna carne.

Em outras palavras, torna-se um ser humano. Agora o que é significativo nisso, o segundo ponto é esse verbo que era Deus e agora que se torna carne, um ser humano, portanto é adequado para revelar Deus ou é aquele que revela Deus. E, novamente, talvez seja por isso que João escolhe a palavra logos ou Palavra, porque quer enfatizar que Jesus é a auto-revelação de Deus.

Jesus é a própria revelação de quem Deus é. Então, no capítulo 1, bem no último versículo deste prólogo, capítulo 1, versículo 18, diz, ninguém jamais viu o Pai, Deus Pai. Isso vem do Antigo Testamento.

Você encontra isso em vários lugares. Ninguém viu o Pai, mas João diz, exceto o unigênito, esta palavra, que o dá a conhecer. Então, é como se João estivesse dizendo, quem melhor para tornar Deus conhecido do que aquele que é ao mesmo

tempo Deus, o logos, que é Deus, mas que agora se tornou um ser humano no versículo 14.

Então, porque ele é Deus e homem ao mesmo tempo, Jesus é capaz de revelar, revelar plenamente e revelar quem é Deus. É quase como se João estivesse dizendo: se você quiser saber como é a aparência de Deus, olhe para Jesus Cristo porque Jesus é a Palavra, porque ele é Deus, ele agora está equipado para revelar quem é Deus. E então, o Deus invisível, novamente, ninguém viu Deus, Antigo Testamento.

O Deus invisível agora se tornou visível na pessoa de Jesus Cristo que se tornou carne, que era o próprio Deus, mas agora se tornou carne no capítulo 1, versículo 14. Portanto, no capítulo 1, este prólogo nos primeiros 18 versículos, em nesta seção, Jesus, em certo sentido, funciona como a ponte entre Deus e a humanidade. Novamente, esse é aquele que é tanto Deus, no princípio, era a palavra, a palavra estava com Deus, a palavra era Deus, mas agora esta palavra no versículo 14 se tornou carne.

Portanto, a palavra Jesus Cristo preenche a lacuna entre Deus e a humanidade. O único que poderia fazer isso é aquele que é ao mesmo tempo Deus e humanidade, este Verbo que agora se fez carne. Então é assim que, de certa forma, João quer que leiamos o resto do evangelho.

Precisamos entender que sempre que, de agora em diante, quando encontrarmos Jesus nos evangelhos, iremos entendê-lo como a própria revelação de Deus, a própria revelação e fala de Deus, mas, ao mesmo tempo, aquele que como um o ser humano revela e revela plenamente Deus ao seu povo e preenche a lacuna entre Deus e a humanidade. Além disso, nos primeiros 18 versículos, você descobre que as possíveis respostas a Jesus já estão definidas. Diz, Deus, Jesus, o Verbo se fez carne, veio ao mundo, mas os seus o rejeitaram.

Mas então continua e diz, mas aqueles que acreditam nele, Deus os chama de seus filhos. Aqueles que acreditam nele têm o direito de serem chamados filhos ou filhos de Deus. Assim, mesmo as diferentes respostas a Jesus que leremos no restante dos evangelhos já estão assinaladas no prólogo.

Então, o prólogo nos diz quase tudo o que precisamos saber sobre a leitura do resto do evangelho, especialmente sobre quem é Jesus e como ele vai funcionar como aquele que revela Deus, aquele que é Deus, que se torna um ser humano, que revela de forma visível quem é Deus e que exige uma resposta de fé e obediência. Agora, há uma série de passagens-chave que eu quero, mais uma vez, apenas para lhe dar uma dica do que há de distinto em João. Novamente, não pretendo falar muito detalhadamente sobre essas passagens.

O primeiro, o primeiro texto-chave que a maioria de vocês provavelmente reconhece é o capítulo 3. O capítulo 3 é a história de um homem, um fariseu chamado Nicodemos, que vem a Jesus à noite e o questiona e pergunta sobre o que Jesus está ensinando e o que é necessário para entrar no reino de Deus. Então, este acaba sendo um ensinamento bastante extenso de Jesus em resposta à pergunta de Nicodemos. E, claro, você reconhece esta passagem.

Este é aquele onde se encontra o famoso João 3:16, pois Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho. Isso é dito em resposta à pergunta de Nicodemos sobre quem é Jesus e o que ele está fazendo. Então, reconheça o capítulo 3. Novamente, você não encontrará isso em nenhum dos outros evangelhos, mas Jesus confronta ou é confrontado por um fariseu à noite e inicia uma conversa com ele, um homem, um fariseu chamado Nicodemos.

Capítulo 4. O capítulo 4 é a história da mulher samaritana que encontra Jesus em um poço, ou melhor, Jesus encontra a mulher samaritana em um poço. E a maioria de vocês conhece bem a história. Basicamente, a mulher samaritana acaba respondendo com fé a Jesus.

Mas, esperançosamente, você entende que não apenas naquele dia teria sido inapropriado que Jesus se encontrasse sozinho com uma mulher em um ambiente como este, mas também o fato de que ela era samaritana. E o que Jesus estava fazendo em Samaria, em primeiro lugar? Qualquer judeu sabia que você evitava aquele lugar. Então, capítulo 4, a mulher samaritana junto ao poço.

Nas suas anotações, pularei a próxima seção, capítulo 6, e irei direto para os capítulos 14 a 17. Os capítulos 14 a 17 são um discurso bastante longo sobre Jesus. Novamente, isso você não encontra em nenhum dos outros evangelhos.

Estas são as instruções finais de Jesus, uma espécie de suas últimas palavras, suas últimas palavras em sua última noite com seus discípulos antes de Jesus ser crucificado e morto não muito depois disso. Portanto, os capítulos 14 a 17 são um discurso ou seção bastante longo de Jesus ensinando seus discípulos, muitas vezes chamado de discurso do cenáculo, onde Jesus se reuniu em um cenáculo para celebrar a Páscoa com seus discípulos, e então ele aproveitou a oportunidade para ensiná-los. no comprimento. Finalmente, capítulo 21.

De certa forma, acabamos de ler o capítulo 20 e os versículos 30 a 31, onde João nos diz por que ele está escrevendo, eu escrevi essas coisas para que você possa saber e acreditar que Jesus é o Cristo e ao crer, você pode ter vida em seu nome. Bem, esse seria um lugar apropriado para encerrar o evangelho, mas há outro capítulo. E no capítulo 21 há uma série de coisas acontecendo.

Isso registra a aparição ressurreta de Jesus aos seus discípulos. Mas há uma história muito interessante nesta seção onde Peter é reintegrado. Jesus aparece a Pedro e se você se lembra bem da história, o que Jesus pergunta a Pedro? Ele pergunta isso três vezes.

Pois é, Jesus pergunta a Pedro, você me ama? E todas as três vezes que Peter responde, sim, eu aceito. Mas o que é interessante é por que uma vez não foi suficiente? Por que você acha que Jesus perguntou a Pedro se ele o amava três vezes? Porque ele o traiu três vezes. Então, acho que a razão pela qual ele perguntou três vezes se o ama, embora Pedro tenha respondido corretamente todas as três vezes, a razão pela qual Jesus perguntou três vezes é por quantas vezes Pedro negou Jesus.

Assim, o capítulo 21 pode ser visto como uma espécie de Pedro sendo, depois de negar Jesus, agora Pedro é reintegrado ao confessar três vezes seu amor por Jesus, correspondendo ao fato de tê-lo negado três vezes antes. Novamente, o capítulo 21 não tem paralelo nos outros Evangelhos sinópticos e nos outros três Evangelhos. Outra característica única de João, novamente que você não encontra nos outros Evangelhos, são as chamadas palavras Eu Sou.

Onde Jesus faz várias declarações, eu sou, e então o predicado de eu sou geralmente é algum tipo de metáfora. Eu sou a porta, sou a ovelha, sinto muito, sou o bom pastor, sou a luz do mundo, sou o pão da vida. Jesus fala metaforicamente e se equipara a certas imagens.

Agora, o que é significativo nisso é que, novamente, essas imagens vêm do Antigo Testamento e eram frequentemente aplicadas ao próprio Deus. Assim, num aspecto, estas declarações Eu Sou são uma declaração da divindade de Jesus. Os traços característicos de Deus no Antigo Testamento são agora aplicados a Jesus Cristo, dizendo: Eu sou o pastor.

Bem, no Antigo Testamento, Deus era o pastor de Israel, ou eu sou a luz, o que claramente era uma prerrogativa do próprio Deus, etc., etc. Então, aqui estão, por exemplo, estas são as declarações Eu Sou. No capítulo 6, versículo 35, Jesus diz: Eu sou o pão da vida.

No capítulo 8, eu sou a luz do mundo. Capítulo 10, eu sou a porta. Eu sou a porta verdadeira e ninguém entra senão por mim.

Outro, Eu sou o Bom Pastor, capítulo 10. Novamente, estou apenas seguindo a ordem do texto de João. Eu sou o bom pastor.

E, esperançosamente, você entende agora que isso seria interpretado metaforicamente. Obviamente, Jesus não poderia ser literalmente tudo isso ao mesmo tempo. Eu sou a ressurreição e a vida.

E finalmente, eu sou a luz do mundo. Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Então, um dos traços característicos de João são essas declarações Eu Sou.

E, novamente, todos eles identificam uma característica importante de quem é Jesus e de sua missão. E a maioria deles provavelmente remonta ao Antigo Testamento, onde características referentes a Deus, agora Jesus reivindica para si. Portanto, seja capaz de identificar as declarações Eu Sou.

Não estou realmente interessado que você obtenha o versículo exato onde elas ocorrem, mas certamente seja capaz de saber, de ser capaz de identificar essas seis declarações do Eu Sou encontradas em todo o evangelho de João. Ah, tem mais um. Desculpe.

Eu sabia que eram sete. E isso pode ser intencional. Não sei se são sete.

Então, eu sou a videira verdadeira. Novamente, no Antigo Testamento, Deus era a videira, e Israel também era a videira. Mas, novamente, esta é uma linguagem aplicada a Deus e a Israel.

E agora Jesus reivindica isso para si mesmo. Declarações tão diferentes do Eu Sou, que novamente não são encontradas nos evangelhos. Agora, quando perguntamos, quando ele perguntou, o que há de único no evangelho de João? Além disso, acabei de examinar vários textos e materiais que você encontra no evangelho de João que não estão nos sinóticos, mas o que há de único no ensino de João? Como João retrata Jesus de uma forma diferente, ou pelo menos que enfatiza algo em maior grau que você não encontrou nos outros evangelhos? A primeira é que João é único na ênfase que coloca na divindade de Cristo.

Já vimos isso no capítulo 1. Sem exagerar a diferença, em outras palavras, seria errado dizer que os evangelhos sinóticos, Mateus, Marcos e Lucas, não pensavam que Jesus era Deus ou não o retratavam dessa forma. caminho. Isso seria incorreto. Mas certamente João identifica aberta e claramente Jesus como Deus.

Uma ênfase na divindade de Jesus. Novamente, no capítulo 1, versículo 1, no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Mais tarde, Jesus será acusado de blasfêmia porque se equipara a Deus.

Então, algumas vezes Jesus dirá alguma coisa e os fariseus pegarão pedras para matá-lo porque ele está blasfemando. Ele está se equiparando a Deus. Mais tarde,

um dos discípulos de Jesus, Tomé, aquele que duvida, quando finalmente compreende, dirige-se a Jesus como meu Senhor e meu Deus.

E além disso, também há lugares que deixam claro que João quer que você entenda que Jesus é a própria revelação de Deus. Ele é o próprio Deus sem chamá-lo assim. Por exemplo, voltando à versão de João da história do Natal, capítulo 1, versículo 14, o Verbo se fez carne e habitou entre nós e vimos a sua glória.

Agora, o que muitas pessoas podem perder, duas palavras nesse versículo, habitar e glória, ocorrem juntas em outras partes do Antigo Testamento para se referir a Deus habitando em seu Tabernáculo ou em seu templo. E agora essas duas palavras são aplicadas a Jesus, como se João novamente estivesse dizendo, na pessoa de Jesus, Deus está presente. A presença de Deus no Tabernáculo está agora presente com o seu povo, na pessoa de Jesus Cristo.

Portanto, mesmo esta é uma forte afirmação da divindade de Jesus, o facto de ele ser Deus, mesmo que o autor não o chame de Deus nesse versículo. Mas é claro que João enfatiza Jesus como Deus, a divindade de Jesus, e às vezes é por isso que João é visto como o evangelho mais teológico ou espiritual. Novamente, seria errado dizer que os sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas, não estavam interessados em Jesus como Deus.

Eram, mas João faz questão de chamar a atenção para isso e enfatizar isso. Já falamos sobre a palavra, ou logos, como título que João usa para Jesus, principalmente no capítulo 1. Ele se refere diversas vezes a Jesus como o logos, a palavra no princípio era a palavra, a palavra estava com Deus, a palavra era Deus, a palavra se tornou carne, etc. Agora, novamente, João pode ter usado essa palavra porque ela teve várias ressonâncias.

Ou seja, ele pode tê-lo usado porque pessoas de diferentes origens o teriam compreendido. Por exemplo, já disse que a palavra logos na tradução grega do Antigo Testamento foi usada no discurso de Deus. Logos, ou Palavra, poderia simplesmente ser usado para o discurso de Deus e para a revelação de Deus sobre si mesmo.

Portanto, um título adequado para Jesus Cristo. Assim, no mundo hebraico, quando as pessoas ouviam falar da palavra, elas teriam pensado na fala de Deus e em Deus falando com elas, o discurso, a própria fala e discurso de Deus. Por outro lado, no mundo greco-romano, a palavra logos também era utilizada.

É difícil dizer o quanto disso o autor tinha em mente, mas por exemplo, lembre-se, lá no início do semestre, falamos sobre diferentes religiões greco-romanas, e uma delas era o estoicismo. O estoicismo era a crença de que basicamente tudo estava determinado, a natureza e o mundo físico eram tudo o que existia, e a chave para a

vida era permanecer contente e apenas aceitar como as coisas eram, não ser suscetível a emoções e respostas extremas, e apenas para esteja contente. Parte do pensamento deles também, parte do pensamento estoíco, era que eles acreditavam que o mundo físico era animado pelo logos.

O logos foi o termo usado para designar o princípio de vida que animou toda a criação. E quer João esteja pensando isso ou não, como se dissesse, bem, não é o logos do estoicismo. Jesus Cristo é a verdadeira luz do mundo que preenche o mundo.

Se ele estava pensando nisso ou não, não tenho certeza, mas, ao mesmo tempo, João escolheu uma palavra que se sentiria bem no mundo judaico, mas também no mundo greco-romano. Mas, novamente, essa é uma característica de John. Você não encontrará isso nos sinópticos.

Você não os encontra chamando Jesus de logos ou palavra, mas João sim. Uma terceira ênfase é que João enfatiza que o que Jesus traz e oferece aos seus seguidores é a vida eterna. Curiosamente, nos sinópticos, qual foi a principal terminologia que os Evangelhos sinópticos Mateus, Marcos e Lucas usam para descrever o que Jesus veio oferecer? Passamos um tempinho conversando sobre essa pequena frase.

Quando Jesus aparece pela primeira vez na cena, ele diz: arrependa-se, porque o quê? O que ele está oferecendo ao povo? O reino de Deus, o reinado e governo de Deus. Agora, curiosamente, embora João use essa frase, reino de Deus ou o reino, João prefere usar o título vida eterna para descrever o que Jesus está oferecendo. Novamente, isso provavelmente remonta à vida do Antigo Testamento.

A vida eterna era a vida da nova criação, a vida que o povo de Deus desfrutaria na nova criação, e agora Jesus oferece essa mesma vida aos seus leitores. Talvez a maneira de combiná-los seria que o que Jesus oferece como vida eterna é a vida que as pessoas desfrutariam quando Deus estabelecesse o seu reinado, o seu governo e o seu reino. Mas, novamente, curiosamente, os sinópticos enfatizam o reino de Deus.

João enfatiza a vida eterna como aquilo que Jesus ofereceu e trouxe. O Espírito Santo é um tema chave no evangelho de João, especialmente em um dos lugares distintos de João nos capítulos 14 a 17, lembre-se que dissemos Jesus, seu discurso de despedida, suas últimas palavras aos seus discípulos. Jesus prometeu que o Espírito Santo viria no lugar de Jesus.

Em outras palavras, após a partida de Jesus, o Espírito Santo, em certo sentido, tomaria o lugar de Jesus. Então, Jesus promete o Espírito Santo em seu lugar, que a presença contínua de Jesus com seus seguidores seria através do Espírito Santo. O

Espírito Santo seria a maneira pela qual Jesus estaria presente com seus seguidores depois que Jesus os deixasse e ascendesse ao céu.

Então, a ênfase no Espírito Santo que Jesus deixaria. Você encontra Lucas enfatizando o Espírito Santo também, mas especialmente João o faz, especialmente nos capítulos 14 a 16. Outra ênfase importante em João é que João estabelece esses opostos.

Em outras palavras, há um dualismo que permeia todo o seu evangelho. Uma das razões para isso pode ser que John esteja escrevendo para um grupo sectário, que é um grupo onde a ideia é que as coisas ficaram tão ruins que eles se veem em termos muito preto e branco, nós e eles. Talvez o dualismo de João reflita o fato de que as coisas são meio opostas ou muito preto e branco e iniciam diferenças no evangelho de João.

Assim, por exemplo, você encontra o dualismo entre acima e abaixo. Você sempre encontra João falando sobre o que vem de cima ou sobre o que vem de baixo. Luz e trevas como opostos absolutos, o mundo é caracterizado pelas trevas, e Jesus e seus seguidores são caracterizados pela luz.

Vida e morte são o oposto óbvio. Mas, novamente, você encontra esse dualismo, esses opostos gritantes em todo o evangelho, o que novamente pode ser devido aos leitores de João. O evangelho de João pode ter surgido em um ambiente sectário, onde os leitores se veriam em contrastes gritantes com seus inimigos ou oponentes.

E, novamente, isso pode refletir-se neste tipo de linguagem. Então isso é o que há de diferente ou distinto no evangelho de João em comparação com os Sinópticos em particular. Pode ser para reforçá-lo.

Sim, ele pode ter escrito para reforçar ou pelo menos refletir esse tipo de distinção que eles pensam. Voltaremos ao evangelho de João quando chegarmos a 1^o, 2^o e 3^o João, as epístolas joaninas que virão mais tarde. Voltaremos e perguntaremos como eles se relacionam com o evangelho de João.

Então, por que João é tão diferente dos outros sinópticos? Quer dizer, pense um pouco. Alguém consegue pensar em alguma razão pela qual isso poderia... Novamente, você lê Mateus, Marcos e Lucas e às vezes tem uma sensação de déjà vu. Já estive aqui antes.

Eu vi esse material. Algumas dessas coisas são repetidas ao longo dos três evangelhos. Então você chega em John e é como se estivesse lendo outra coisa.

Até mesmo parte do vocabulário da maneira como Jesus ensinou e falou fica subitamente ausente quando você chega a João. Pensando bem, quais podem ser

algumas das razões pelas quais João difere tanto dos outros evangelhos sinópticos? Quero dizer, ele não os conhecia ou John é meio renegado? Ele vai partir sozinho. Quais poderiam ser algumas das razões pelas quais João parece tão distinto e diferente? OK.

Foi escrito muito mais tarde. Alguns datariam João no final do primeiro século, como 90 DC. Em outras palavras, ou o evangelho de João ou o Apocalipse têm a melhor chance de ser o último livro escrito do Novo Testamento. Então, você está certo.

Talvez sendo um livro muito posterior, pode estar abordando uma situação muito diferente, um público e um conjunto de circunstâncias muito diferentes, e foi isso que levou João a escrever algo diferente dos outros evangelhos sinópticos. João pode ter assumido os outros três evangelhos ou aquele tinha um conhecimento geral do evangelho, e agora ele vai escrever algo diferente. Alguns até sugeriram, é difícil dizer, que João conhecia os três Sinópticos e só queria escrever algo muito diferente desses três.

Então, acho que você está certo. João provavelmente pressupõe um conhecimento geral dos evangelhos, talvez até dos sinópticos, e agora vai escrever algo muito diferente. A outra coisa também é, lembre-se que dissemos, junto com essas sugestões, o que pode explicar grande parte da diferença de linguagem.

Lembra que dissemos há pouco sobre os diferentes tipos literários do Novo Testamento? Há narrativa, epístola e apocalipse, o livro do Apocalipse. Uma das coisas que dissemos sobre a narrativa que é muito, muito diferente da nossa época é que quando se tratava de registrar a fala de outra pessoa no primeiro século, não houve realmente nenhuma tentativa ou desejo de preservar as palavras exatas dessa pessoa.

Na verdade, novamente, se Jesus falou principalmente em aramaico, não temos as palavras exatas porque temos traduções gregas do que Jesus disse nos evangelhos. Mas ainda mais do que isso, o que os escritores do primeiro século estavam mais interessados em fazer era resumir e preservar a essência, a ênfase e a essência do que alguém disse, em vez de preservar o texto exato. Então, muitas vezes você os encontra resumindo em suas próprias palavras e vocabulário o que uma pessoa histórica famosa disse.

Então é possível que muitas vezes no evangelho de João descubramos que talvez este seja o próprio resumo de João em seu próprio estilo, seu próprio vocabulário, o que Jesus disse. Uma coisa interessante, quando você leu João capítulo 3, falamos sobre Jesus e Nicodemos. Quando você lê João capítulo 3, Jesus começa a interagir com Nicodemos, mas logo tudo que Jesus começa é como este monólogo.

E o problema é que não está claro onde Jesus termina. Onde Jesus para de falar e onde João retoma e começa a comentar o que Jesus disse? Não está claro. E, novamente, a razão é porque, mais uma vez, João está fornecendo seu próprio resumo em sua própria língua, seu estilo, seu próprio vocabulário, um resumo preciso do que Jesus disse.

E muito disso pode frequentemente explicar, mais uma vez, as diferenças de João entre os sinópticos, especialmente a linguagem que ele usa. Novamente, João pode usar uma linguagem que traga à tona as ideias e temas teológicos que João deseja enfatizar e que Jesus ensinou. Portanto, por essas razões, pode haver outras razões também.

Por essas razões, João parece escrever algo muito diferente dos outros três Evangelhos. Novamente, se alguém estiver interessado em prosseguir com isso, recomendo outro livro de Craig Blomberg. Recomendei um livro dele sobre os Evangelhos sinópticos, a confiabilidade histórica dos Evangelhos.

Ele escreveu outro livro chamado A Confiabilidade Histórica do Evangelho de João. O que ele tenta fazer é demonstrar o que acabei de dizer, é que as diferenças entre João e os Sinópticos não significam que João estava brincando com os fatos e era historicamente incorreto e não confiável, mas ele tenta demonstrar que há razão tomar os Evangelhos de João historicamente confiáveis, juntamente com os sinópticos Mateus, Marcos e Lucas. Portanto, se você quiser prosseguir, forneci-lhe as informações em suas notas sobre The Historical Reliability of John's Gospel, de Craig Blomberg.

Tudo bem, isso é tudo que quero dizer sobre o Evangelho de João. Mais uma vez, estou apenas tentando destacar algumas das ênfases ou alguns dos textos e seções de João que são distintos e únicos para ele, que você não encontra nos outros sinópticos, e meio que lhe dá uma sensação de o que João parece enfatizar ao longo de seu Evangelho. Agora, antes de prosseguirmos, quero falar brevemente sobre as parábolas, o que são e como as lemos, mas alguma dúvida até agora sobre o Evangelho de João? Você não terá problemas.

E, a propósito, no exame, muitas das questões do exame têm como objetivo fazer com que você seja capaz de comparar e contrastar os quatro Evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João. O que há de distinto nos quatro Evangelhos? O que há em seus temas, a forma como estão estruturados, se falamos sobre isso, ou o que há de distinto na maneira como retratam Jesus? A única coisa que você precisa memorizar, basicamente, são os capítulos. Por exemplo, estou pensando especialmente neste slide aqui.

Minha filosofia é usar a imagem de uma cidade. Se você conseguir encontrar o quarteirão, provavelmente encontrará a casa. Então, presumo que se você tiver uma Bíblia e conseguir o capítulo, provavelmente encontrará o versículo.

Então, o que isso significa é que estou mais interessado em que você obtenha os capítulos principais em que as coisas são encontradas. Então, não vou perguntar qual versículo, qual é o capítulo e versículo exato onde isso se encontra, mas posso pergunte a você estes capítulos. Posso pedir que você identifique o que é encontrado nesses capítulos ou posso pedir que identifique quais capítulos essas seções abrangem em João.

E o mesmo acontece com os outros Evangelhos. Vou me concentrar principalmente nos capítulos mais amplos e não nos versículos específicos. Uma das formas características que Jesus ensinou nos Evangelhos foi através de parábolas, particularmente em Lucas e Mateus, mas também nos outros Evangelhos.

João, particularmente, está cheio de todos os tipos de imagens simbólicas e figuras de linguagem que Jesus usa, mas quero falar um pouco sobre as parábolas e como as lemos. Visto que são um meio predominante de ensino de Jesus, o que devemos fazer com eles? Como devemos lê-los? E isso depende da compreensão do tipo de literatura que Jesus utiliza quando fala. A primeira coisa a dizer sobre as parábolas é que elas não eram exclusivas de Jesus.

Ele não inventou parábolas. As parábolas eram a base do ensino dos rabinos. Portanto, Jesus estava seguindo uma forma comum de ensinar que a maioria dos rabinos judeus teria seguido.

Agora, o que Jesus faz com elas ou a mensagem que ele ensina é muito singular, mas as parábolas de Jesus e até mesmo as imagens encontradas nas parábolas das ovelhas ou de um mordomo ou de um administrador ou mestre, de que uma planta, um grão de mostarda, isto é não é exclusivo de Jesus. Essa era uma imagem comum que os rabinos usavam em suas próprias parábolas. Temos traduções para o inglês de algumas das parábolas ensinadas pelos rabinos e, novamente, elas são muito semelhantes aos ensinamentos de Jesus, pelo menos na forma.

Novamente, onde está a distinção, está a mensagem que Jesus ensinou e o que ele fez com as parábolas. Mas antes de tudo, ao interpretar as parábolas de Jesus, costumava ser comum tratar as parábolas de Jesus como alegorias muito detalhadas. E com isso quero dizer percorrer a parábola em cada pequeno detalhe para encontrar algum significado alegórico espiritual por trás dela.

Então, sempre que você ler as parábolas de Jesus, como posso saber o que Jesus está fazendo e como devo aplicar isso? Bem, você analisa e todos os detalhes têm algum segundo nível de significado. Ou seja, eles têm um significado espiritual mais

profundo. Então, por exemplo, aqui está um exemplo, acho que foi Santo Agostinho, um dos primeiros pais da igreja por volta do século IV.

Esta é a parábola do bom samaritano. Você se lembra da história, um homem desce a Jericó, é espancado por alguns ladrões e é dado como morto. Passa um sacerdote e não faz nada, um levita.

Finalmente, um samaritano passa e cura suas feridas, leva-o para uma pousada e se oferece para pagar até que ele se recupere. E aqui está o que Santo Agostinho, um dos primeiros pais da igreja, disse, como ele interpretou isso. Ele pensou que quando diz que um certo homem desceu a Jericó, esse certo homem representava Adão do Antigo Testamento.

Jerusalém simbolizava a cidade da paz. Então, Jerusalém não se referia a uma cidade literal em algum lugar, referia-se apenas à cidade da paz, uma espécie de aplicação mais espiritual a ela. A cidade de Jericó simbolizava para onde este homem se dirigia, simbolizava a mortalidade de Adão.

Novamente, você não precisa anotar isso, não vou perguntar isso em um teste. Posso perguntar-lhe como as pessoas tradicionalmente interpretavam as parábolas. Os ladrões que espancaram este homem e o deixaram como morto simbolizavam os anjos, o diabo, e seus demônios, seus anjos.

Interessante. O fato de terem batido nele significa que o persuadiram a pecar. Então, você pode ver que Agostinho não está interpretando isso de maneira nivelada, literalmente, ele está procurando o significado espiritual mais profundo por trás das palavras.

O fato de o terem deixado meio morto significa que o homem morreu espiritualmente, como Adão morreu quando pecou. Você pode ver até agora que muito disso tem paralelos com Gênesis 1-3. O sacerdote e o levita representam o Antigo Testamento, todo o Antigo Testamento.

O samaritano representa Cristo. É interessante. Os samaritanos que, mais uma vez, a maioria dos judeus do primeiro século teria visto como nojentos e intocáveis e como judeus não verdadeiros, e agora talvez isso tenha sido esquecido por Santo Agostinho porque ele identificou o samaritano como Cristo, o que é natural.

Quero dizer, ele é o óbvio que surgiria na cena como o herói. O fato de ele ter derramado óleo sobre suas feridas, o óleo representa esperança e o conforto que a esperança em Cristo traz. O burro em que ele o colocou, você vê o que Agostinho está fazendo, cada pequena coisa na parábola tem algum significado espiritual.

Então, o burro representa a encarnação de Jesus. Isso significa o fato de que João 1-14, a palavra que é Deus, agora se tornou carne, sua encarnação, referindo-se ao fato de que ele assumiu carne humana, natureza humana, corpo físico. A pousada se refere à igreja, e a pousada para onde ele levou o homem espancado que Cristo o levou refere-se à igreja.

Não sei qual igreja, acho que provavelmente é uma igreja universal. O dinheiro que ele ofereceu para pagar ao estalajadeiro para cuidar dessa pessoa refere-se à vida futura, a vida eterna. E o estalajadeiro era o apóstolo Paulo.

Não sei como ele conseguiu isso, mas você tem uma ideia do que Agostinho estava fazendo. E esta foi, embora ele estivesse fazendo isso nos primeiros séculos da igreja, esta é a abordagem que dominou a forma como lemos as parábolas até o século XIX. Então, isso dominou durante séculos.

Todos que lessem a parábola fariam isso. Você olha para a parábola, pega todos os detalhes e encontra alguma correspondência espiritual com alguma outra coisa no Antigo e no Novo Testamento. E novamente, cada detalhe.

Eles fizeram isso, conversamos um pouco sobre a parábola do filho pródigo. Eles fizeram a mesma coisa. O bezerro que foi abatido, as sandálias colocadas em seus pés, o manto, o anel, tudo isso tinha algum significado espiritual, algum significado espiritual alegórico.

E, novamente, foi assim que as parábolas foram tratadas até o século XIX. Quando um estudioso alemão chamado Adolf Jülicher decidiu que essa não era uma boa maneira de ler as parábolas, e por uma variedade de razões, o que ele disse, não, não, Agostinho, os pais da igreja e a história da igreja entenderam tudo errado. As parábolas não são alegorias detalhadas.

As parábolas são histórias que comunicam apenas um ponto principal, e apenas um ponto principal. Portanto, seu trabalho ao interpretar a parábola não é lê-la como uma alegoria e descobrir a que tudo se refere alegórica e espiritualmente, mas seu trabalho é descobrir qual é o ponto principal que esta parábola ensina. Essa é a abordagem dominante.

Pegue, vá à biblioteca e pegue praticamente qualquer livro sobre como ler a Bíblia e vá para a seção sobre parábolas e ela lhe dirá que você deve descobrir qual é o ponto principal. As parábolas deveriam ensinar um único ponto principal. Isso veio de Adolf Jülicher, um estudioso liberal alemão, e ele estava reagindo à maneira como Agostinho e outros interpretaram as parábolas durante séculos, quase arbitrariamente, para encontrar todos esses detalhes alegóricos nas parábolas.

E ele disse, não, não, não, as parábolas comunicam apenas um ponto principal. Foi o que Jülicher disse. E, novamente, isso meio que se tornou o consenso.

Porém, com muitas coisas, às vezes esse pêndulo gosta de oscilar para um extremo e eventualmente voltar ao centro. Uma abordagem que está começando a surgir hoje é, novamente, o ponto que emergiu disso, antes de voltar ao pêndulo, que o objetivo dos intérpretes é encontrar um ponto principal que seja comunicado. Qual foi o ponto principal que Jesus estava tentando comunicar nas parábolas? Agora, mais uma vez, o pêndulo começou a oscilar para encontrar uma posição mediadora.

E isso é perceber que as parábolas são, na verdade, breves narrativas alegóricas. Narrativas ficcionais, na verdade. As parábolas, a maioria das parábolas, novamente, embora sejam rudes na vida real, não são histórias, histórias verdadeiras no fato de que realmente aconteceram.

São histórias baseadas na vida, mas apenas histórias que Jesus usa para comunicar, como os rabinos fizeram, uma espécie de histórias comuns para comunicar algo sobre o reino de Deus. É por isso que Jesus os usa. Mas agora se reconhece que as parábolas são basicamente alegorias, mas não da maneira como Santo Agostinho e outros as trataram.

Nem todo pequeno detalhe tem um significado alegórico. Mas, em vez disso, são apenas os personagens principais das parábolas que têm um significado alegórico. O significado deve ser consistente com o ensinamento de Jesus no contexto, e não com o que posso deduzir da tradição da igreja e do resto do Antigo Novo Testamento.

Deve refletir o que Jesus estava ensinando naquele contexto. Quando começo com esse contexto, posso descobrir, esperançosamente, qual era o significado alegórico, não de todos os detalhes, mas dos personagens principais, dos eventos principais e dos personagens das parábolas. Na verdade, volte e leia algo em Mateus, especialmente no capítulo 13.

Observe como Jesus interpreta, felizmente, Jesus depois que ele conta a parábola. Lembra da parábola das sementes ou do semeador? Um semeador foi ao campo e espalhou sementes. Parte caiu no chão duro e os pássaros vieram e recolheram.

Alguns caíram no chão e cardos cresceram e os sufocaram. Mas alguns caíram em solo bom e deram frutos. E então Jesus interpreta essa parábola para nós, e o faz alegoricamente.

Ele pega as partes principais dessa parábola, o semeador, a semente, e também os pássaros que comem a semente, e dá-lhes uma interpretação alegórica relacionada ao reino de Deus. Agora, deixe-me dar um exemplo. Esta é Lucas 15, a parábola do filho pródigo, onde claramente há três personagens principais nesta parábola.

O pai, o filho pródigo mais novo, e a gente olhou na última aula quando falamos do Lucas, falamos do filho mais novo como sendo também um personagem. Então, eu suspeito que esta parábola terá três significados, ou três mensagens, uma associada a cada um desses personagens principais. Então, por exemplo, e o pai? O pai, acho que ninguém discordaria, o pai simboliza claramente Deus.

Não estou dizendo que Deus é como esse pai em todos os aspectos, mas ele é como o pai no sentido de que o pai se humilha para aceitar alguém que o tratou de maneira errada e com desrespeito. Da mesma forma, o pai simboliza, alegoricamente, Deus que aceita os pecadores que vêm a ele em arrependimento. É evidente que o pai deve representar Deus na parábola do filho pródigo.

Já dissemos que o filho mais novo simboliza claramente o pecador que se volta para Deus em busca de perdão. E então o filho mais velho, dissemos, corresponde a qualquer pessoa, especialmente nos dias de Jesus, eram os fariseus. Lembre-se de que em Lucas 15, onde esta parábola se encontra, Jesus está se dirigindo aos fariseus que o acusam de se associar com pessoas como pecadores e cobradores de impostos.

E assim, o filho mais velho, que fica com ciúmes porque o pai dá uma festa para o filho mais novo, o filho mais velho simboliza ou representa quem deveria responder com alegria quando Deus concede perdão a alguém que não o merece. Portanto, o facto de Deus conceder perdão aos pecadores que se arrependem, mesmo que não mereçam esse perdão, deveria evocar uma resposta de alegria no povo de Deus. E assim, o filho mais velho corresponde novamente à pessoa que deveria responder com alegria quando Deus estende o perdão a alguém que não o merece, como estes cobradores de impostos e pecadores e estes excluídos da sociedade.

No entanto, como vimos, a resposta final do filho é ilimitada. A parábola não nos diz como termina. Agora, quando você lê a parábola, não há nenhum significado alegórico do servo na parábola, ou dos porcos, ou da comida que o filho estava alimentando aos porcos.

Não há nenhum significado alegórico no anel em seu dedo, no manto, matando o bezerro cevado. Tudo isso é apenas necessário para fazer a história funcionar. E é assim que as parábolas são.

Há uma certa quantidade de informação que apenas acrescenta cor à parábola só porque as histórias precisam dela. Mas veja, são as figuras principais das parábolas que recebem a alegoria, o significado alegórico. Então, eu desafio você, ao ler as parábolas de Jesus, a determinar quem são as figuras principais e, então, à luz do contexto dos ensinamentos de Jesus, o que provavelmente elas estão dizendo? Qual é o seu significado ou significado espiritual ou alegórico? Tudo bem, sexta-feira

então, encerraremos nossa discussão sobre os Evangelhos comparando-os todos entre si.

Dave Mathewson apresentando História e Literatura do Novo Testamento, Aula 11, sobre João e as Parábolas.